

# Crítica Literária ou Cultural? Caminhos críticos da literatura de temática gay\*

Antonio de Pádua Dias da Silva\*\*  
Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes\*\*\*

---

## Resumo

O tema deste trabalho se centra numa questão bastante atual dos estudos literários: a redefinição da crítica literária, em razão dela ter perdido a sua função nas últimas décadas, e a conseqüente intervenção nesse espaço da crítica cultural que alicerça, hoje, grande parte dos estudos que se orientam pela problematização de questões não apenas estéticas, mas também político-ideológicas na literatura. O objetivo do ensaio é discutir os caminhos (não)traçados pela crítica literária contemporânea frente à emergência da literatura de temática gay. Ensaia-se uma proposta alicerçada na ideia de que uma crítica diferenciada para “novos gêneros” se faz urgente porque torna visível, pela representação, uma subcultura (gay) bastante silenciada nas culturas ocidentais, daí tornar-se emergente trazer à tona um modelo de leitura dessa produção que considere os elementos estético-literários e também político-ideológicos, em defesa do pensamento/representação do homoerotismo como crítica da cultura.

## Palavras-chave

Literatura. Crítica. Cultura. Gay.

---

\* Esse artigo é resultado de discussões que envolvem o Projeto de Pesquisa *História da literatura brasileira de temática homoerótica*, financiado pelo CNPq (Edital Universal, cota 2008-2010) e PROPESQ (cota 2008-2010).

\*\* Doutor em Letras/UFAL, Pós-Doutor em Literatura/UFRJ, Professor do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba.

\*\*\* Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba.

## O ponto de partida: o conceito de literatura e a teoria da literatura

Desde que iniciamos os estudos sobre literatura, na universidade,<sup>1</sup> uma questão básica e que move toda a vida do profissional das letras que trabalhará com o texto literário em sala de aula se coloca como basilar: definir literatura. Se não dá para definir, conceituar pode ser um caminho a ser escolhido, e que resulte em algo positivo. Aprendemos com Platão, Aristóteles e Horácio; aprendemos com Hegel, com Nietzsche e com tantos outros pensadores que se imbuíram, em algum momento de sua vida, da discussão em torno do fenômeno literatura: fenômeno de linguagem ou, naquilo que costumamos dizer, trabalho de linguagem que surte (e surta) um dado efeito semântico, muitas vezes estranho, mas que culmina com uma conclusão: está-se diante de um texto literário porque a linguagem e seus efeitos parecem demarcar (quando deveria, quem sabe, aniquilar as fronteiras) território de linguagem bastante preciso.

A pressuposição de que há vida literária, concebida como o foi pelos filósofos citados, implica a visualização de uma produção que se caracteriza por suas particularidades e por um aporte discursivo que sustenta a ideia levantada da existência dessa produção, muitas vezes, sem as devidas conclusões maturadas, confundida com *arte*. E daí, então, divagações entre professores, estudiosos do fenômeno, cobrem períodos inteiros e são levadas para as salas de aula na firme certeza de que as verdades lidas, estudadas, refletidas e “finalizadas” não são tomadas emprestadas no tempo e no espaço, como provisórias, mas erguidas, cartesianamente, como axiomas, verdades puras, filosofia matemática ou algo similar.

Pensando especificamente em discutir a crítica literária contemporânea (se é que ainda podemos falar em *crítica literária* em sentido estrito), iniciamos uma reflexão sobre a problemática que é construir um discurso acerca do que vem a ser literatura para, numa perspectiva que discute a relação literatura, representação e política, verificar qual o papel da crítica literária contemporânea, a partir da produção e dos estudos da literatura *gay*, e defender a ideia do homoerotismo como *crítica da cultura*. A defesa dessa ideia toma impulso com o pressuposto de que, em razão do não funcionamento de uma crítica no seu sentido estrito e também da *Teoria* como contaminadora dos antigos “axiomas” da teoria literária, a vinculação das perspectivas ou visadas dos estudiosos com os grandes projetos políticos nos fazem concluir que o homoerotismo constitui hoje um caminho crítico que pode contribuir para o alargamento dos estudos literários. Dessa forma, saímos da base dos estudos feministas e de gênero e, pela especificidade da temática ou da subcultura representada na incipiente *literatura gay* ou de *temática gay*, o homoerotismo, em seu pensamento, se imbuí daquilo que, de outra forma, poderia ser chamado de crítica literária *gay* ou homoerótica. A visão de Nelly Richard (2002) e a de Heloisa Buarque de Holanda (2002) sobre a crítica da cultura constitui a base conceitual deste artigo.

---

<sup>1</sup> Falamos precisamente do profissional de Letras, quando entra no curso ainda com a visão não muito apurada dos conceitos, da intimidade com os textos, com os teóricos, com os papéis de leitor, analista, crítico, teórico, historiador, ensaísta, articulista, professor (e não tinha como ser diferente, quando iniciamos a construir um perfil profissional).

A discussão que Jonathan Culler (1999) entabula em torno do que é literatura coloca o profissional das letras no seu “devido lugar”: é preciso pensar o *que é*, qual sua *função*, *onde* está alocada nas sociedades letradas de hoje e ocupando que *papel*. A síntese apresentada por ele sobre que bases a noção de literatura foi construída ao longo dos séculos – a) literatura como a “colocação em primeiro plano” da linguagem, b) literatura como integração da linguagem, c) literatura como ficção, d) literatura como objeto estético e e) literatura como construção intertextual ou auto-reflexão – não dá conta daquilo que é o efeito de linguagem no cotidiano dos leitores, a saber, a experiência com o texto literário suplanta esse esquema racional de querer engessar uma produção que tem suas bases de construção no processo criativo da e com a imaginação em conceitos incertos, porosos, necessitados de outra linguagem ou termos capazes de abarcar o fenômeno do qual falamos.

Terry Eagleton (1997) tenta responder às mesmas indagações feitas posteriormente por Culler, embora admita, sem as frustrações corriqueiras, que ler uma produção textual como a que denominamos de literária implica para o estudioso uma rede de cuidados que deveria tomar ao adotar quaisquer noções, pois numa perspectiva mais “científica” daquilo que foi chamado de *ciência da literatura* pelos formalistas russos, por exemplo, o conceito de estranheza e de chamamento de atenção para si [da linguagem] não constitui em definitivo ou não valora diretamente um texto como literário, uma vez que “*piadas, slogans e refrões* das torcidas de futebol, das manchetes de jornal, dos anúncios, que muitas vezes são verbalmente exuberantes, mas que, de um modo geral, não são classificados como literatura” (EAGLETON, 1997, p. 9).

Essa séria reflexão de Eagleton vai desembocar em tantos outros aspectos quanto são as pessoas e seus discursos e posições assumidas social e culturalmente. Isso significa dizer que, ainda segundo Eagleton (1997, p. 11), “a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido”. Fica evidente que as classes sociais hegemônicas e que ocupam os poderes, por vários motivos de ordem pessoal e coletiva (do grupo que domina o código estético), elaboram uma forma de linguagem, sistematizam um código e, num dado tempo, estabelecem modelos, conceitos, colocando-os como “naturais”, justificando-se a utilização deles a partir da própria reprodução teórico-ideológica que sustentam.

A lucidez de Antoine Compagnon (2006) nos coloca diante de várias indagações sobre a natureza da literatura e, questionando-a, colocamos na balança a atividade do professor de literatura, as atribuições dele como sujeito que discute aspectos da cultura e que orienta modelos de leitura de textos literários.<sup>2</sup> Afinal, o que pode ser estabelecido diante de um quadro generalizado da não precisão teórico-conceitual do fenômeno/objeto sobre o qual o “crítico” se debruça? Se há tantas teorias quanto teóricos (COMPAGNON, 2006, p. 23), haveria tantas críticas literárias quantos críticos? É bem verdade que sim. Basta passar os olhos por obras como a de Jean-Yves Tadié

---

<sup>2</sup> Não estamos reduzindo as atividades do professor de literatura apenas ao que expomos. Para efeito de economia, citamos apenas aquilo que nos é posto em primeiro plano.

(1992), a do próprio Terry Eagleton (1997) ou sinteticamente como em Jonathan Culler (1999) e veremos os apontamentos críticos sobre: Formalismo Russo, New Criticism, Fenomenologia, Estruturalismo, Pós-Estruturalismo, Desconstrução, Psicanálise, Feminismo, Marxismo, Novo Historicismo ou Materialismo Cultural, Pós-Colonialismo, Discurso de Minorias, Queer Theory, Hermenêutica, Estética da Recepção, Estilística, Semiótica, Crítica Política. Em outro compêndio, mais recente, organizado por Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin (2005), além do rol de críticas literárias já apontadas, encontramos também a Crítica Genética, o Pós-Modernismo e capítulos que apontam para a formação discursiva de outras críticas a partir das necessidades dos textos e discussões surgidas na contemporaneidade: Literatura e Estudos Culturais, Literatura de Autoria Feminina, Literatura de Autoria de Minorias Étnicas e Sexuais (onde encontramos, embora timidamente, apontamentos sobre a literatura gay ou homoerótica), e correlações entre Literatura e Pintura e Literatura e Cinema.<sup>3</sup>

Essa gama de aportes teórico-conceituais levou Richard Freadman e Seumas Miller (1994) a repensar o papel das teorias na contemporaneidade, apontando, na babel em que ainda nos encontramos, quase sem lugar fixo ou porto para ancorar nosso objeto de trabalho, a Teoria como modelo diante de tantos aportes teóricos. Essa concepção parece, a priori, invalidar os discursos clássicos ou prescindir destes que fomentam a crítica literária: na ausência de uma sistematização “axiomática”, nada mais coerente do que pensar a Teoria sem que esta, por abarcar *todas* as teorias já concebidas sobre o fenômeno literário, necessite de um aporte crítico que dê continuidade e coerência ao que é discutido no âmbito apenas teórico.

A ausência de um objeto fixo de estudo, de conceitos precisos, da noção de aplicabilidade teórico-conceitual tornaria os estudos sobre literatura meio duvidosos, discursos “falaciosos”. Não é à toa que pensadores como Leyla Perrone-Moisés (2000), ao se lançar em uma breve incursão sobre a função da crítica literária na atualidade (embora o seu texto não seja de hoje: tem pelo menos uma década e meia) chama a atenção para o descrédito da função da crítica, porque inexistente, em razão, principalmente, do avanço de terreno dos Estudos Culturais, que soa, na perspectiva dela, como uma espécie de “praga intelectual”.

A opinião dessa crítica sobre esta perspectiva de ler o texto literário tem razão de ser, embora parcialmente, porque se dirige justamente para aqueles pontos que os próprios incentivadores “teóricos” dos Estudos Culturais admitem, a exemplo de Hoggart (1973), Escosteguy (2001), Mattelart & Neveu (2004): a ausência de um objeto único de estudo, admitindo-se a variedade objetual; a ausência de um referencial teórico, optando-se pela perspectiva da utilização teórico-conceitual de todos os campos do saber (desembocando na ideia da Teoria); a ausência de uma

---

<sup>3</sup> Estudos mais recentes como os de Pellegrini (1999) avançam na discussão em torno do fenômeno literatura e já anunciam, no âmbito dessas discussões, novas críticas que nascem com a resignificação do que seja literatura, uma vez que a televisão, o vídeo, a propaganda, o cinema, as HQs, tomadas como *escritas*, são arroladas na acepção do que se entende por *literatura* (nesse sentido mais amplo e que se distancia da visão clássica de literatura como produção ou manifestação exclusivamente escrita no *códice*, modelo ainda perpetuado pelas gerações de leitores, professores, manuais de teoria e crítica literária).

metodologia que não pode ser definida em razão da ausência de um objeto fixo de estudo (como são várias as possibilidades, a depender do estudioso, o objeto escolhido é que determinará o campo metodológico a ser traçado), e tudo isso implicando, também, na ausência de uma disciplina, inexistente em razão da impossibilidade de se trabalhar com um objeto que pressupõe, nesse caso, um aporte teórico-metodológico e, na academia, uma disciplina na qual os fundamentos do estudo desse objeto pudessem ser discutidos.

Não é à toa que Michel Foucault (2006), tecendo considerações sobre a relação discurso, disciplina e poder, afirma que a disciplina "é um princípio de controle da produção do discurso" (p. 36) e que "para pertencer a uma disciplina uma proposição deve poder inscrever-se em certo horizonte teórico" (p. 31). A crítica à tendência literária de convergir seus estudos para a emergência do discurso dos Estudos Culturais e da Crítica da Cultura aparentemente encontra resistentes como Leyla Perrone-Moisés, já citada. Todavia, pensar o trabalho da crítica por uma visão permeada de preconceito e medo<sup>4</sup> (medo daquilo que ela não domina, ou com o que ela não concorda, ou com o que, pela forte tradição de que está imbuída, dificilmente conseguiria acompanhar o ritmo dos estudos literários focados num outro ângulo) não resolve a questão da crítica literária na contemporaneidade.

É necessário pensar outras formas discursivas atentas para o fenômeno literatura, sem cair nos solipsismos das *especializações* do conhecimento, e sem sustentar uma visão radical dos estudos culturais que promovem, na visão ingênua de quem adentra esse campo do conhecimento, a soberania do plural e do diverso; essa diversidade não soa como marca fundante de uma disciplina, de uma teoria, de um método, de uma sistematização do conhecimento, mas tão somente como um campo de exploração do saber que se move na perspectiva da não fixidez de objetos, teoria e metodologia, mas na compreensão de um fenômeno cuja idiosincrasia ou particularidade é que exigiria o tratamento ou abordagem teórica a ser adotada para o desenvolvimento da ideia lançada.

## **O ponto medial: o que quer a crítica literária? Homoerotismo e crítica da cultura**

Os questionamentos lançados servem de intróito para o próximo passo a ser dado no que tange à discussão posta: qual o papel da crítica literária na contemporaneidade? Vamos mais longe e adiantamos outra questão: é possível pensar uma crítica literária nos moldes do que era e como falou Leyla Perrone-Moisés? Na mesma obra em que tece forte crítica aos estudos culturais, Perrone-Moisés (2000), a

---

<sup>4</sup> Uma das grandes lições que podem ser aprendidas ao assistir ao filme *A single man*, de Tom Ford, 2009, diz respeito à fala da personagem central, um professor, que em uma de suas aulas, discutindo a questão do Outro, da diferença, da minoria, do preconceito, verbaliza ser o *medo* (de algo que possa desestruturar) o fator primordial para o estabelecimento do preconceito. Nas relações de poder, o *medo* de ter quem não queremos ocupando espaços de poder, força grupamentos e pessoas a construir e se impregnar de discursos preconceituosos, atitude que facilita o encarar o outro numa perspectiva diferenciada, menor, sob um ângulo de repressão, de silenciamento, de aviltamento.

título de exemplificação, toma como *corpus* de análise o romance *O Ateneu* de Raul Pompéia e, ali, estabelece variáveis interpretativas que concorrem para vários apontamentos ou modelos teóricos (críticas literárias) vigentes e/ou em crise que subsidiam o trabalho interpretativo do profissional de letras/literatura. O que mais nos chama a atenção é a última possibilidade apontada e abordada naquela sua lista: a *crítica gay*.

Queremos partir daquilo que Heloisa Buarque de Holanda (1994), em contexto de Brasil, já anunciara: o feminismo como *crítica da cultura*. Isso significa dizer que, de certa forma, distante de propostas como a de Toril Moi (1995) em *Teoría literaria feminista*, deixa de lado a *especialização* teórica (feminista) e direciona o olhar e seu discurso para o campo abrangente da cultura, lugar de onde parece ser mais possível e mais viável, hoje, de se falar em estudos literários e desejo homoerótico.

É de conhecimento geral que a função da crítica literária, na contemporaneidade, parece ter se esvaziado de seus antigos pilares que consistiam, basicamente – embora sem se engessar apenas nos princípios de sua função – em estabelecer juízos de valor ao texto, de resenhar novos livros, de formar opinião, de induzir um público leitor a certas leituras daquilo que achava importante (como era procedimento regular da crítica de rodapé), estivesse ou não comprometida com a teoria literária ou com quaisquer outras formas discursivas mais sistematizadas e que tivessem como função apreciar uma obra literária em seu mérito, estabelecendo comparações de estilo, de influência, de escola, de linguagem, de temática etc.

A ideia de Heloisa Buarque de Holanda encontra respaldo naquilo que Nelly Richard (2002) chama também de *crítica da cultura*. Essa tendência crítica se distancia dos fundamentos da crítica literária porque incorpora em sua base discursos da cultura que apontam caminhos sobre as práticas e objetos culturais, possibilitando ao estudioso uma gama de vertentes teórico-metodológicas capazes de subsidiarem os seus estudos. Não é uma troca de nomenclatura ou de proposta, mas uma possibilidade que não havia com a já cimentada na tradição. Explicamos: no caso dos feminismos e da literatura de autoria feminina, enfrentar o *cânon* teórico-crítico da literatura já foi bastante árduo (daí as mulheres feministas procurarem uma saída ou alternativa para o seu próprio campo de atuação), imaginemos, então, o quanto seria difícil para os sujeitos de orientação homoafetiva. E para não esbarrar em entraves nem sempre possíveis de serem negociados, *naturalmente* foram se formando perspectivas em torno da *crítica da cultura* como o melhor caminho epistemológico na contemporaneidade.

Essa *episteme* nasce com a emergência de tantos sujeitos nas sociedades que reivindicam lugares antes inexistentes, negados ou em processo de tolerância e aceitabilidade. No âmbito representacional, a literatura de ficção abraça essa “causa” e custaria a abordagem da homoafetividade, por exemplo, ser discutida por críticos cujos interesses destoavam dos interesses dos sujeitos representados e que somam na sociedade grande parcela não só de indivíduos, mas de pessoas que têm hábitos, ideias, costumes e até “linguagens” distintas. Quando a representação acontece de forma maciça, urge que uma prática discursiva encampe a ideia e desenvolva estudos sobre essa representação.

Na esteira da crítica literária tradicional, textos como *Bom-Crioulo* (Adolfo Caminha), "Pílades e Orestes" (Machado de Assis), "Frederico Paciência" (Mário de Andrade), "O menino do Gouveia" (Capadócio Maluco) não tiveram, à época de publicação e também muito tempo depois, uma leitura à altura das grandes discussões que envolvem temas polêmicos e de interesse para a cultura e para a sociedade. O tema desses textos (assim como de outros da mesma época aqui não citados) se centra na questão da homossexualidade masculina que, posteriormente, já nos idos da revolução sexual (décadas de 1960-1970) e posteriores a ela, obras como as de Cassandra Rios e as de Caio Fernando Abreu, por questionarem "lugares sexuais", iniciam e influenciam uma nova geração de escritores que se pautarão, no ato da construção literária, nas imagens dos desejos gays, na subcultura homossexual como traço da cultura. Na esteira desses últimos outros podem ser citados Silvano Santiago, Luís Capucho, Aguinaldo Silva, Gasparino da Mata, Ricardo Thomé, Jean-Claude Bernardet, Zeilton Alves Feitosa, Marcos Lacerda, Nelson Luiz de Carvalho e outros.

Os autores da *literatura gay* e pesquisadores da representação dessa temática na literatura não discutem, quando assim se debruçam sobre o tema, simplesmente no fazer literário. Pelo contrário, investem pesadamente na crítica da cultura, desmarginalizando o tema, a obra, a autoria (quando esta coincide com a identificação temática abordada pela literatura), atuando num processo inverso ou, quem sabe, na linguagem de Linda Hutcheon (1991), re-centrando categorias ou grupos antes minoritários, ou seja, distante das dicotomias estruturalistas estabelecidas entre o *centro* e a *margem*, Hutcheon trabalha na perspectiva de que os antigos centros dividem espaços também *centrais* com antigos grupos marginalizados (no sentido da relação espacial e de suas implicações para as estruturas de poder, se manter a distância dos grupos hegemônicos), negociando seus espaços de poder nos lócus sociais e culturais que passaram a ser redimensionados nas últimas três décadas.

É no âmbito dessa reflexão que Nelly Richard (2002) desenvolve o seu pensamento, chamando a atenção para as posturas teórico-conceituais adotadas depois da década de 1980, quando a *crítica da cultura*, pela sua amplitude teórico-discursiva, era (e ainda a consideramos assim) uma estratégia que se erguia contra os modelos saturados e engessados do saber e do produzir conhecimento nas universidades. Para a teórica, pensando a base semântica da expressão na década de oitenta:

O termo "crítica cultural" designava, exploratoriamente, um tipo de exercício teórico e crítico que cruzava, desordenadamente, um tipo de crítica literária, a teoria da arte, a filosofia, a sociologia da cultura, a análise ideológica e a crítica institucional. Chamávamos "crítica cultural" a essa mescla de referentes teóricos informais que extravasava, heterodoxamente, as vigiadas fronteiras do saber acadêmico para circular sem marcos de referencia institucionais, quase à intempérie. (RICHARD, 2002, p. 189)

Quando propomos o homoerotismo como *crítica da cultura*, como um desdobramento na contemporaneidade da crítica literária já defasada em suas bases, e há mais de década que não vem cumprindo o seu papel de impingir juízos de valor sobre obras, é porque, no dizer de Gore Vidal (1987), como sexo é política, a questão

da subjetividade homoafetiva se instala e se instaura de tal forma no discurso literário – e está no centro das grandes discussões das agendas políticas, culturais, religiosas e econômicas –, que não há como pensar diferente: não é que a crítica literária tenha cedido espaço para a *crítica da cultura*, mas o fato é que esta tem se mostrado o verdadeiro exercício da crítica (antes literária), não pelo juízo de valor atribuído a determinadas obras, formando opiniões entre os leitores, mas discutindo o papel do tema da homoafetividade, da autoria textual, da formação de um público-leitor, do mercado consumidor, do ponto de vista editorial e dos impactos que essas variáveis causam no momento em que a *literatura gay* (bem como outras literaturas, textos, escritos e suportes) é discutida em salas de aulas de programas de pós-graduação, de graduação e dos ensinos médio e fundamental.

A cultura gay, o *gay power*, o desejo gay, a homosociabilidade, as configurações homoeróticas na literatura, no dizer de José Carlos Barcelos (2002; 2006), são expressões cujas extensões semânticas congregam saberes e poderes que somente a crítica da cultura consegue abarcar. Não no sentido dos estudos culturais que, por transitarem por uma variável teórica, se perdiam em precisão no momento de focar o seu objeto. Diferentemente, a crítica da cultura postula uma abordagem por um dado campo do saber a partir da exigência da leitura do próprio objeto, evidenciando, dessa forma, não apenas o comprometimento do estudioso com o seu objeto material de estudo, mas, e, sobretudo, com as relações tecidas entre esse objeto material e os impactos causados por ele no cotidiano dos que fazem e são feitos constantemente nas culturas das sociedades.

Quando defendemos a *crítica da cultura* como modelo para a leitura do texto literário hoje é porque pensamos, como afirmam Cláudia Regina dos Santos e Vera Helena Gomes Wielewicky (2005, p. 298), que “a problemática da literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais [não defendemos a literatura pela autoria, salvo quando discutimos exclusivamente, em outras pesquisas, a literatura brasileira de autoria feminina] confunde-se com a problemática político-social desses grupos”. E é por pensar assim que justificamos a crítica da cultura como o discurso possível para problematizar a *literatura gay* ou homoerótica, uma vez que, pela experiência que a cultura brasileira já teve, a crítica literária tradicional jamais construiu um discurso em favor da representação da homoafetividade na literatura, fosse pelas personagens, fosse pelos narradores ou, numa versão mais irônica e extravagante, fosse pela voz autoral.

Quando políticas públicas são postas para funcionar em favor das minorias; quando as questões gays e lésbicas eclodem com força suficiente para desestabilizar antigas visões e dessemiotizar os lugares antes estabelecidos, porque “tudo o que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 1986); quando escritores deixam os armários das escritas e lançam no mercado suas produções nas quais problematizam os lugares das personagens gays da ficção na sociedade e na cultura representadas; quando vários estudiosos em vários lugares do mundo são incitados (pelo espírito da época) a discutir (dos lugares de onde falam) a questão gay que atinge a todos, em menor ou maior proporção, na relação binária da heterossexualidade compulsória, no dizer de Judith Butler (2003), sendo os sujeitos arrolados no primeiro termo da equação

binária (homossexual) interpretados como menores social e culturalmente (diferentemente do segundo termo da equação binária, heterossexual, que goza as regalias dos iguais); quando teorias como a defesa *queer* dos indivíduos propõe a experiência de uma cultura no devir, no espaço intervalar da cultura, sem concorrer com as dicotomias sexuais já existentes, e apostando na não naturalização de identidades de gênero (ALMEIDA, 2004); quando se interpreta a literatura gay como sendo uma prática discursiva adotada por pessoas de orientação sexual gay, como entendem muitos teóricos, a exemplo de Jean-Yves Tapiè (1999); quando as representações da homoafetividade invadem o cenário das letras e redimensionam os estudos literários a partir da perspectiva de, se não um novo gênero literário, mais uma nova temática que é constantemente abordada de forma contínua e sistemática na literatura, provocando impactos em leitores que antes viam essa literatura como *pornográfica*, e hoje, pela emergência das políticas públicas e dos sujeitos que também nascem nessa geração, sentem a necessidade de suas e de outras representações no texto ficcional, a exemplo da literatura infanto-juvenil e das HQs; percebemos o quanto a *crítica da cultura* soa como a utopia racional e atual para os que lidam com o texto literário (e outras linguagens).

Diante desse cenário apresentado, retornamos à primeira parte deste artigo, momento em que discutíamos a problemática da teoria da literatura e o conceito de seu objeto, que implica também nas amarras dos gêneros literários. É evidente que não há como a teoria da literatura, a partir da não definição de seu objeto maior – *literatura* –, abarcar todo o fenômeno de que tanto falamos e ensinamos nas escolas e nas universidades. Não só pela linguagem, pelas formas convencionais e experimentais ou transgressoras do registro ficcional, mas também pela temática, critério de maior interesse para os estudos gays e lésbicos, uma vez que a homoafetividade (recentemente) e a homossexualidade (variante do mesmo tema/termo, restrita à primeira metade do século XX e anterior), desde as primeiras formas de registro e criatividade com a linguagem ficcional, não foram abordadas ou motivos literários ao longo da tradição ocidental de forma sistemática ou constante.

Da mesma forma, a autoria textual, principalmente no sentido da produção literária gay, adquire dimensão relevante, porque desestabiliza toda uma tradição literária que fora firmada, nas sociedades e culturas ocidentais, na imagem de homens heterossexuais, brancos, cristãos e patriarcais, cujos valores se assentavam na exclusão das mulheres e dos homossexuais. Primeiramente, criando entraves para que as mulheres não escrevessem. Paralelamente a esse entrave, a construção da inexistência do homossexual, fosse no cotidiano das sociedades, fosse no imaginário ficcional, *lócus* em que o gay não aparecia, e quando surgia, era para corroborar ideias preconceituosas acerca dos *efeminados*, dos *sodomitas*, dos *pederastas*, dos sujeitos cujo *amor não ousava dizer o nome* (nem estatuto de sujeito eles poderiam reivindicar, porque eram considerados abjetos, párias ou escórias sociais), uma vez que eram identificados não pela subjetividade ou identidade, mas pelos atos que cometiam.

Quando a crítica literária se vê diante de uma explosão e profusão de textos sendo lançados no mercado com a temática homoerótica ou gay, parece retroceder

nas ações por não ter como, nos seus limites teórico-metodológicos, continuar estabelecendo juízos de valor para cada gênero (o gibi, o infantil, o rap, o funk, a confissão, a epístola), cada suporte (o vídeo[poema, texto], o blog, o livro/códice, a telenovela, o cinema), cada tema (o pornográfico, o gay), cada autor/condição (o gay, a lésbica, o negro, o índio, o favelado, o presidiário) que reivindica seu espaço literário, pois é obrigado (a) a admitir os seus limites de atuação e a dividir suas atividades com outras instâncias discursivas capazes de interpretar o fenômeno antes apenas de seu domínio.

A *crítica da cultura* se torna relevante, neste processo e momento, porque trabalha na fronteira dos textos com seus autores; na fronteira dos objetos culturais e seus impactos, pela representação e pela autoria, no cotidiano das culturas e nas relações com as políticas públicas em favor dos sujeitos pertencentes às chamadas minorias culturais. Tomar a literatura como um objeto da cultura e o registro sociocultural nela como documento de época e material no qual se visualiza a imaginação criadora do artista ou do autor em sua época, apenas pela *crítica da cultura*, conforme hoje a entendemos e com ela trabalhamos, é possível compreender esse fenômeno.

## **Um ponto de conclusão: apontamentos sobre o homoerotismo como crítica da cultura**

A despeito de todo o pensamento acadêmico construído em torno da crítica literária tradicional e de sua função, sustentamos a tese de que a *crítica da cultura* funciona como o melhor “instrumento” de localização, indicação, análise e crítica do texto literário, uma vez que trabalha na interface com as variantes que envolvem todo o sistema literário, segundo a concepção de Antonio Candido (2000), a saber, autor-obra-público, alargando essa tríade para outras ramificações que envolvem os papéis dos autores e dos temas na cultura, sobretudo o impacto que causa (o texto) no cotidiano da leitura, porque desagrega antigas práticas e visões para incluir elementos antes não “cotados” como possíveis de impregnarem a linguagem literária.

Não só a questão estética como já investigamos em texto anterior (2009a; 2009b), mas também a questão política são elementos de discussão, sendo o critério político, na perspectiva do homoerotismo como *crítica da cultura*, o cerne da questão (sem se tornar exclusivo), porque a visão burguesa de arte e de literatura instaurava uma chave enigmática cujo teor textual só era possível e acessível aos iniciados, aos que dominassem o código daquela arte, muitas vezes chamado de *Estética, Belo, Belas Letras*. A percepção de um objeto cultural apenas pelo viés estético, nas atuais sociedades, só é possível entre grupos bastante fechados e “arrogantes”, pois o redimensionamento das temáticas na produção ficcional eclode como forma de uma aprendizagem para o campo político-cultural, tendo-se desdobramentos ideológicos advindos no trabalho com a linguagem, com a estética do texto.

Os sujeitos homoeróticos ganham com essa possibilidade de atualização da crítica literária contemporânea porque não são apenas representados em suas subjetividades como também as polêmicas geradas na representação alcançam status

de pesquisa e de discussões mais profundas e coletivizadas, possibilitando aos sujeitos dessa subjetividade serem interpretados de forma positiva. Os estudos literários também, por sua vez, têm ganhado nesse processo, porque as suas bases interpretativas são revistas e o fenômeno que até então parecia carente de um aporte teórico-metodológico capaz de fazer singrar as correntes do pensamento contemporâneo na e sobre a literatura encontram ancoradouro nessa política de discussão e direito das minorias através do homoerotismo como *crítica da cultura*.

É possível, então, dessa forma, pensar o conceito de *literatura gay*, de crítica gay, de temática e de autoria gays. Longe de ser apenas um caminho teórico-metodológico traçado com certo pudor de particularidade, o homoerotismo como *crítica da cultura* se generaliza quando tenciona discutir não só o texto como artefato linguístico-literário, mas, sobretudo, o texto literário como *lócus* propício ao debate de ideologias, à polêmica das políticas públicas e a favor dos que não são beneficiados social e culturalmente, à exibição aos leitores das visadas e campos de atuação dos sujeitos que são engendrados culturalmente nas sociedades contemporâneas em que nos encontramos. Dessa forma, soa viável a crítica da cultura vinculada ao homoerotismo como via, embora utópica, de reconhecimento e validação dos sujeitos contemporâneos nas atuais conjunturas político-ideológicas.

---

## Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Teoria *queer* e contestação da categoria "gênero". In: CASCAIS, António Fernando (org.). *Indisciplinar a teoria – Estudos gays, lésbicos e queer*. Lisboa: Fenda, 2004, p. 91-98.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teoricometodológicas e práticas críticas. In: SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux (org.). *Literatura e homoerotismo: uma introdução*. São Paulo: Scortecci, 2002, p. 13-66.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2005.
- BUTTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queirós/Publifolha, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. Trad. Cleonice Paes Mourão e Consuelo Fortes Santiago. *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

- CULLER, Jonathan. *Teoria literária* – uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca Produções Culturais LTDA, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais* – uma versão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FREADMAN, Richard & MILLER, Seumas. *Re-pensando a Teoria* – uma crítica da teoria literária contemporânea. Trad. Aguinaldo José Gonçalves e Álvaro Hattner. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura* – Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. V. I e II. Lisboa: Editora Presença, 1973.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução – Feminismo em tempos pós-modernos. In: *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 7-22.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo* – história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MATTELART, Armand & NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MOI, Toril. *Teoría literaria feminista*. 2. ed. Madri: Ediciones Cátedra S.A., 1995.
- PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra* – aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Considerações intempestivas sobre o ensino de literatura. In: *Inútil poesia* e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 345-351.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária?. In: *Inútil poesia* e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 335-344.
- RICHARD, Nelly. Saberes de mercado e crítica da cultura. In: *Intervenções críticas* – Arte, Cultura, Gênero e Política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 188-206.
- SANTOS, Célia Regina dos & WELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária* – abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. rev. ampl. Maringá: EDUEM, 2005, p. 285-302.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Problemas estéticos e políticos na fundação da história da literatura brasileira de temática gay. In: SILVA, A. P. D. (org.). *Sexualidade, identidade e gênero em debate*. Olinda: Livro Rápido, 2009b, p. 61-88.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Quando a questão estética entra em cena: considerações teóricas sobre a literatura brasileira de temática homoerótica. In: SILVA, A. P. D. & CAMARGO, F. P. (orgs.). *Configurações homoeróticas na literatura*. São Carlos: Claraluz, 2009a, p. 35-50.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

TAPIÉ, Jean-Paul. Lis tes ratures, gai!. In: SALDUCCI, Pierre (org.). *Écrire gai*. Québec: Editions Internationales Alain Stanké, 1999, p. 15-33.

VIDAL, Gore. Sexo é política. In: HALL, Michael & PINHEIRO, Paulo Sérgio (orgs.). *De fato e de ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 227-250.

---

### **Título**

¿Crítica literária o Cultural? Maneras críticas de la literatura de temática gay

### **Resumen**

El tema de este trabajo se basa en una cuestión suficientemente actual de los estudios literarios: la redefinición de la crítica literaria, en razón de ella en las últimas décadas haber perdido su función, y la consiguiente intervención en este espacio de la crítica cultural que soporta, hoy, la mayor parte de los estudios que se guían por la problemática de cuestiones no sólo estéticas, pero también político-ideológicas en literatura. El objetivo del artículo es discutir los caminos (no) trillados por la crítica literaria contemporánea delante de la emergencia de la literatura de temática gay. Se ensaya una proposición basada en la idea de que se necesita urgentemente de una crítica diversa para "nuevos géneros" porque pon en evidencia, por la representación, una subcultura (gay) bastante silenciada en las culturas occidentales, para entonces volverse emergente e introducir un modelo de lectura de esta producción que considere los elementos estético-literarios y también político-ideológicos, en defensa del pensamiento/representación de la homosexualidad como crítica de la cultura.

### **Palabras-clave:**

Literatura. Crítico. Cultura. Gay.

---

Recebido em 18.04.2011. Aprovado em 11.07.2011.